

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

10.º/11.º anos ou 11.º/12.º anos de Escolaridade

(Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março)

Duração da prova: 120 minutos

2.ª FASE

2007

PROVA ESCRITA DE LITERATURA PORTUGUESA

Identifique claramente os grupos e os itens a que responde.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não pode utilizar dicionário.

É interdito o uso de «esferográfica-lápis» e de corrector.

As citações da prova encontram-se na página 5.

Em caso de engano, este deve ser riscado e corrigido, à frente, de modo bem legível.

Se apresentar mais do que uma resposta ao mesmo item, apenas é classificada a resposta apresentada em primeiro lugar.

GRUPO I

Leia, atentamente, o soneto de Luís de Camões.

- 1 Julga-me a gente toda por perdido,
 vendo-me tão entregue a meu cuidado,
 andar sempre dos homens apartado,
 e dos tratos humanos esquecido.
- 5 Mas eu, que tenho o mundo conhecido,
 e quási que sobre ele ando dobrado,
 tenho por baixo, rústico, enganado,
 quem não é com meu mal engrandecido.
- 10 Vão revolvendo a terra, o mar e o vento,
 busquem riquezas, honras a outra gente,
 vencendo ferro, fogo, frio e calma;
- que eu só em humilde estado me contento,
 de trazer esculpido eternamente
 vosso fermoso gesto dentro n'alma.

Luís de Camões, *Rimas*, ed. de Álvaro J. da Costa Pimpão,
Coimbra, Almedina, 1994

Notas:

calma (v. 11): calor do sol.

cuidado (v. 2): pensamento.

gesto (v. 14): rosto.

tratos (v. 4): convívio.

Apresente, de forma estruturada, as suas respostas ao questionário.

1. Atente nas duas quadras do poema.

1.1. Com base na primeira quadra, indique três traços que caracterizam o modo como «a gente toda» vê o sujeito poético.

1.2. Analise as relações de sentido que aquelas duas estrofes estabelecem entre si.

2. Explícite um dos efeitos expressivos produzidos pela enumeração «a terra, o mar e o vento» (v. 9).

3. Comente o sentido do verso «que eu só em humilde estado me contento» (v. 12) no contexto dos dois tercetos.

GRUPO II

Leia, atentamente, o texto de Alexandre Herculano.

1 Muitas vezes, pela tarde, quando o Sol, transpondo a baía de Carteia, descia afogueado para a banda de Melária, dourando com os últimos esplendores os cimos da montanha piramidal do Calpe, via-se ao longo da praia vestido com a flutuante estribeira o presbítero Eurico, encaminhando-se para os alcantis aprumados à beira-mar. Os pastores que o
5 encontravam, voltando ao povoado, diziam que, ao passarem por ele e ao saudarem-no, nem sequer os escutava, e que dos seus lábios semiabertos e trémulos rompia um sussurro de palavras inarticuladas, semelhante ao ciciar da aragem pelas ramas da selva. Os que lhe espreitavam os passos, nestes largos passeios da tarde, viam-no chegar às raízes do Calpe, trepar aos precipícios, sumir-se entre os rochedos e aparecer, por fim, lá ao longe, imóvel
10 sobre algum píncaro requeimado pelos sóis do Estio e puído pelas tempestades do Inverno. Ao lusco-fusco, as amplas pregas da estribeira de Eurico, branquejando movediças à mercê do vento, eram o sinal de que ele estava lá, e, quando a Lua subia às alturas do céu, esse alvejar de roupas trémulas durava, quase sempre, até que o planeta da saudade se atufava nas águas do Estreito. Daí a poucas horas, os habitantes de Carteia que se erguiam para os
15 seus trabalhos rurais antes do alvorecer, olhando para o presbitério, viam, através dos vidros corados da solitária morada de Eurico, a luz da lâmpada nocturna que esmorecia, desvanecendo-se na claridade matutina. Cada qual tecia então sua novela ajudado pelas crenças da superstição popular: artes criminosas, trato com o espírito mau, penitência de uma abominável vida passada, e, até, a loucura, tudo serviu sucessivamente para explicar o
20 proceder misterioso do presbítero. O povo rude de Carteia não podia entender esta vida de excepção, porque não percebia que a inteligência do poeta precisa de viver num mundo mais amplo do que esse a que a sociedade traçou tão mesquinhos limites.

Alexandre Herculano, *Eurico, o Presbítero*, Tomo I, Lisboa, Bertrand, 1980

Notas:

alcantis (l. 4): cume; rocha escarpada.

atufava (l. 13): escondia.

Calpe (ll. 3 e 8): nome antigo da montanha situada no Sul da Península Ibérica, sobre o estreito que separa a península do continente africano.

Carteia (ll. 1 e 20): cidade antiga do Sul da Península Ibérica.

Estreito (l. 14): hoje chamado de Gibraltar (estreito que separa a Península Ibérica do continente africano).

estribeira (l. 3): túnica dos godos de Espanha; veste hispânica.

presbítero (l. 3): padre; sacerdote.

raízes (l. 8): base; sopé.

Apresente, de forma estruturada, as suas respostas ao questionário.

1. Transcreva os elementos da natureza que constituem o espaço representado.
2. Releia o texto desde o início até «claridade matutina» (linha 17).
 - 2.1. Explicita três dos comportamentos de Eurico que o povo de Carteia considera misteriosos.
 - 2.2. Apresente três dos traços caracterizadores do «presbítero», fundamentando-se no excerto transcrito.
3. Analise comparativamente a «novela» construída pelos «habitantes de Carteia» sobre Eurico e o comentário final do narrador sobre a personagem.

GRUPO III

Eurico, o Presbítero é uma narrativa de Alexandre Herculano, pertencente ao Romantismo. Selecciona uma obra narrativa ou uma peça de teatro que tenha lido deste período literário ou do Realismo. Num texto de cem a duzentas palavras, refira a importância do título da obra seleccionada para a construção do sentido desta.

Comece por identificar, na folha da prova, o nome do autor e o título da narrativa ou da peça de teatro que escolheu.

Observações

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2007/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até cinco pontos) do texto produzido.

FIM